

**Ribamar José de Oliveira Junior**

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5607-2818>

Email: [ribamar@ufrj.br](mailto:ribamar@ufrj.br)

**Dieison Marconi**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0003-1883-652X>

Email:

[dieisonmarconi@gmail.com](mailto:dieisonmarconi@gmail.com)



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**

Aos autores pertence o direito exclusivo de utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

## **A força do fracasso, o levante dos selvagens: uma entrevista com Jack Halberstam**

*The power of failure, the uprising of the wild: an interview with Jack Halberstam*

*Le force de l'échec, le réveil de la sauvagerie: un entretien avec Jack Halberstam*

de Oliveira Junior, R. J., & Marconi, D. A força do fracasso, o levante dos selvagens: uma entrevista com Jack Halberstam. *Revista Eco-Pós*, 26(01), 357–376. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28147>

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

Submetido em 11 de junho de 2023

Aceito em 25 de junho de 2023

---

No dia 25 de maio de 2023 foi realizada na Casa da Glória, centro de eventos culturais localizado na região central do Rio de Janeiro (RJ), a Conferência Queer Aqui - *Together in Hard Times/ Juntas em tempos de luta*, que reuniu um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros e estrangeiros em torno de temas como estudos queer e políticas da diferença. Pesquisadoras/es como Daniel da Silva, Macarena Gómez-Barris, Denilson Lopes, Eng-Beng Lim, Gil Hochberg, Arnaldo Cruz-Malave, Licia Fiol-Matta, Tavia Nyong'o e Jack Halberstam constituíram uma fração transnacional de falas em torno da teoria, da arte e da política queer no contexto global, movimentos antigênêro, ofensiva antitrans, redes de solidariedade, ativismos transnacionais e estratégias de resistências políticas ao capitalismo global. Por ocasião dessa conferência, que foi organizada pela Columbia University e pelo Columbia Global Centers, o professor e pesquisador Jack Halberstam, o qual mais recentemente ganhou projeção no Brasil em função da tradução e publicação de seu livro *A arte queer do fracasso* (Cepe editora, 2020), concedeu uma entrevista a Ribamar Oliveira (Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ) e Dieison Marconi (pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ).

A arte queer do fracasso (2020) é apenas uma peça da prolífica e provocadora trajetória de estudo e pesquisa de Halberstam, intelectual atento à realidade contemporânea de populações vulneráveis e aos mecanismos globais, capitalistas e estatais, de produção de controle, violência e precariedade. Atualmente professor de Estudos de Gênero e Literatura Comparada na Universidade de Columbia, Halberstam também é autor de livros como *Skin Shows: Gothic Horror and the Technology of Monsters* (Duke UP, 1995), *Female Masculinity* (Duke UP, 1998), *In A Queer Time and Place* (NYU Press, 2005) e *Gaga Feminism: Sex, Gender, and the End of Normal* (Beacon Press, 2012). O último livro de Halberstam, lançado em 2020

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

pela Duke UP, é intitulado *Wild Things: The Disorder of Desire* e até o momento nenhuma dessas obras foram publicadas no Brasil.

Halberstam, como o mesmo diz, é um professor e pesquisador contraintuitivo, com tendências a se valer de termos a princípio pouco bem quistos ou negativos como fracasso e selvageria para desobstruir sistemas de pensamento, engenharias culturais normativas e conservadorismos estéticos e políticos e produzir, assim, um pensamento “cintilante de luz e sombra” que abre algumas brechas, ou “buracos de minhoca”, como ele também nos diz, e que desvelam a possibilidade de demolição de um mundo e construção de outros mundos possíveis. Distante da simples retórica que poderia demonstrar mera projeção ingênua de futuros utópicos, e mesmo flertando com a teoria antissocial dos estudos queer, o notório trabalho de Halberstam, assim como esta entrevista, demonstra sua contundente confiança positiva nas alianças políticas através da precariedade compartilhada. Isto é, alianças e redes de solidariedade que não são constituídas apenas pelos marcadores de corpo, gênero e sexualidade, termos geralmente concebidos como objetos por excelência das teorias queer, mas também amplas redes de solidariedade que levam em consideração as vulnerabilidades impingidas pelos sistemas de diferenciação de raça, etnia, classe social e, por conseguinte, aquelas formas de precariedade impingidas pelo capitalismo global, pela mudança climática e pelas fraturas democráticas vivenciadas por populações de diferentes países em anos recentes.

Produzir levantes, movimento corporal e epistêmico de outrora, não apenas a outrora de tempos históricos mais longínquos ou recentes, mas também levantes inspirados em uma infância anárquica que insistia em perguntar o porquê das coisas serem como são, essa fantasia “infantil e imatura” de não estar conformado, talvez seja um dos pontos altos de uma entrevista que passeia por muitas questões urgentes: tranfeminismo, populações não-binárias, apreciação crítica da arte produzida por pessoas LGBT, crianças queer e docilidade de corpos adultos, alianças políticas transnacionais, produção de conhecimento em país periféricos, capitalismo e neoliberalismo contemporâneo são alguns dos temas abordados nesta entrevista, através da qual esperamos contribuir para tornar o trabalho de Halberstam mais conhecido no Brasil e também contribuir com o debate em torno das políticas da diferença.

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

Agradecemos enormemente à Jack Halberstam pela gentileza e animação com a concessão desta entrevista. Desejamos a todes uma ótima leitura!

**Dieison Marconi**  
**Ribamar Oliveira**

---

### **A força do fracasso, o levante dos selvagens: uma entrevista com Jack Halberstam**

Ribamar Oliveira e Dieison Marconi: Seu trabalho como pesquisador se distancia de um saber convencional, de um otimismo neoliberal contemporâneo e da chamada alta teoria, dialogando fortemente com um campo teórico e metodológico alternativo (a “baixa” teoria, a cultura popular, os desenhos animados, os filmes queer, experiências de vida divergentes da norma, etc). Ainda assim, grande parte das suas referências empíricas, teóricas e metodológicas são oriundas dos países do Norte global, região que até hoje ocupa uma posição hegemônica na produção de conhecimento e é responsável por diferentes formas de colonização intelectual. Como você vê os saberes queer produzidos em países, a exemplo do Brasil, que ocupam posição periférica na produção de conhecimento? E qual a contribuição que esse conhecimento queer produzido no Sul global pode ofertar aos países que ainda ocupam posições centrais na produção e disseminação dos saberes mesmo em campos de conhecimento minoritários como é o caso dos estudos queer?

**Jack Halberstam:** Sabe, acho que em parte, é sobre isso que se trata a conferência de quinta-feira (Queer aqui: juntas em tempos de luta). É dizer que grande parte do conhecimento sobre a

**Dossiê** **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

teoria das existências e das vidas *queer* veio da América do Norte, e que isso tem aplicação limitada em outros lugares. E que parte do objetivo da nossa conferência de quinta-feira é trazer pesquisadores *queer* para o Brasil. Sim, para falar, mas muito mais para ouvir e tentar criar o início do que espero que seja um diálogo mais longo sobre os diferentes desafios em um lugar como o Brasil, com múltiplas histórias multirraciais e, vocês sabem, diferentes locais de luta e contestação. Não tenho a pretensão de saber desde já quais são todos esses locais, mas sei que os roteiros liberais de personalidade que regem um contexto norte-americano não se aplicarão da mesma forma no Brasil, onde tenho certeza absoluta de que a personalidade e as histórias de desvio e interações com o Estado têm narrativas muito, muito diferentes das dos Estados Unidos. Então, sim, em meu trabalho, estou tentando lidar com o campo discursivo produzido dentro desse contexto hegemônico. E acho que provavelmente o contexto hegemônico no Brasil é realmente diferente. Há diferentes tipos de relações entre riqueza e pobreza, diferentes roteiros que regem o patrimônio imobiliário, a terra, a desapropriação e a posse, a sexualidade e a resistência. Todos esses valores são diferentes aqui, portanto, espero que possamos descobrir.

**Ribamar Oliveira e Dieison Marconi:** *Aproveitando essas questões sobre o Brasil, gostaríamos de perguntar sobre a tradução do termo queer em países como o nosso, pois temos uma série de palavras que se articulam com dissidências sexuais e de gênero locais, como bicha, sapatão, travesti, entre outras. O que você pensa sobre essas palavras locais diante da complexidade transnacional da palavra queer?*

**Jack Halberstam:** Eu acredito que não deveríamos traduzir tudo para o inglês, eu realmente acredito nisso. Por exemplo, se pegarmos uma palavra como transgênero, transgênero já é uma palavra inventada. E, você sabe, vem de raízes gregas e latinas e assim por diante. E no Brasil, em contextos de língua espanhola e em muitos, muitos contextos linguísticos diferentes, há palavras diferentes para transgênero. E por causa desse discurso global de direitos humanos, tudo é traduzido de volta para uma terminologia reconhecível em um contexto de língua inglesa. E então as pessoas procuram assuntos que correspondam a essa terminologia e, nesse processo, perdemos todas as diferentes formas como as pessoas são trans ou queer em uma localidade.

**Dossiê** *Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente*

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

Por isso, na verdade, acho que precisamos de mais variação linguística em vez de simplificação, porque simplificação sempre significa voltar ao inglês. E a volta ao inglês significa que as pessoas precisam ser reconhecidas pelos termos definidas por um contexto euro-americano, e isso se torna outro local para a forma como somos diferenciados. Portanto, não sei o que vocês pensam sobre isso. Quero dizer, esses termos em português parecem realmente diferentes, certo? E eles têm histórias diferentes, estão ligados a comunidades diferentes e, por exemplo, travesti não significa o que transgênero significa. O termo travesti pode estar associado à comunidade ou a mulheres trans que fazem trabalho sexual, ou que moram juntas, ou que fazem parte de um movimento de resistência cultural, enquanto transgênero pode significar apenas uma pessoa de classe média que decide fazer certas operações médicas. Portanto, é... É realmente um momento de pluralidade linguística.

**Ribamar Oliveira e Dieison Marconi:** Atualmente temos percebido que a apreciação crítica e o debate público em torno de obras de artistas mulheres, pessoas negras e LGBT tornou-se inexecutável ou extremamente turbulento, especialmente nas redes digitais. O argumento, nem sempre exposto, mas ocasionalmente observável, é de que juízos estéticos negativos a respeito de obras produzidas por sujeitos inscritos em grupos minoritários não deveriam se tornar públicos, pois seriam tão somente ferramentas de discriminação e de silenciamento desses grupos. Também tem sido comum a compreensão, especialmente em contextos ativistas, de que uma obra de arte nada mais é do que um dispositivo de representação e que ela deve estar vinculada às estratégias dos ativismos organizados em torno de pautas igualitárias ou orientados para a ação e para a mudança social. Nesse caso, nos parece que há duas limitações de cunho moralista muito grandes: uma que diz respeito à liberdade da crítica cultural e da expressão artística, outra que reduz a existência da arte às políticas de representação (geralmente estacionada no binarismo da representação negativa e da representação positiva de determinados grupos sociais). Tendo em vista que seu trabalho está fortemente vinculado ao valor estético das obras de arte, inclusive daquelas que num primeiro momento podemos julgar despolitizadas, qual compreensão você extrai desse cenário?

**Jack Halberstam:** Quando as pessoas não forem bem representadas, isso limita o tipo de discurso crítico que pode ser direcionado a esse livro. E, por outro lado, há uma questão sobre a

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

ideia de que a arte nada mais é do que um dispositivo de representação e que ela deve estar vinculada a estratégias de ativismo. Bem, quero dizer, acho que não penso na arte dessa forma. Por exemplo, não penso nos artistas como um lugar para promover uma posição política, ou na arte como um lugar em que devemos tratar de forma diferenciada o trabalho de sujeitos minoritários. Acho que, infelizmente, favorecemos o trabalho do homem branco, e devemos tentar entender como isso acontece esteticamente.

Mas acho que o restante da pergunta é um pouco obscuro para mim. Talvez eu não esteja entendendo direito. Bem, por exemplo, em meu trabalho, eu realmente tentei defender um trabalho que não é... Por um lado, escrevo muito sobre cultura popular. Por outro lado, escrevo sobre arte queer e trans que é abstrata, a fim de dizer que o trabalho sobre pessoas queer e trans não deve se reduzir simplesmente ao corpo ou à figura pois, assim, você só pode ter a política de representação na qual o corpo humano é central, e isso limita o que pode ser dito sobre o corpo queer ou trans. Por isso, há 20 anos venho defendendo que devemos usar formas de abstração para ampliar o sentido do que é a equidade ou a transgeneridade. Então, essa é uma parte da questão. Mas a outra parte é o que vocês estão dizendo, que a arte não deve ser apenas um lugar onde se demonstra um argumento. Sim, ela precisa ser o lugar onde talvez novas ideias sejam forjadas ou articuladas porque, sabe, a forma de representação não é facilmente transformada em um argumento. Mas, por outro lado, tenho uma opinião diferente quando se trata de cultura popular. Costumo dizer que a cultura pop pode nos oferecer uma base pedagógica a partir da qual podemos discutir coisas complicadas. Vocês entendem o que quero dizer? Então, eu uso o filme *Procurando Nemo* (Andrew Stanton, 2003), ou um desenho animado, como um texto para abrir ideias que, de outra forma, seriam extremamente complicadas. Mas se você ler os textos, supostamente infantis ou imaturos, poderá brincar de maneiras diferentes, pois há um caráter lúdico nesses textos, como os desenhos animados infantis sobre os quais escrevo.

Ribamar Oliveira e Dieison Marconi: Um argumento constante em seu trabalho é o de que as vidas queer têm a potência de construir outros mundos por recusarem a formas de sucesso reconhecidas como a maturidade, o acúmulo de riqueza e a capacidade reprodutiva. Na crítica a esses modelos, muitas vezes você utiliza o exemplo dessas animações infantis, ao passo que no Brasil, assim como em outros países ocidentais, a ofensiva antitrans e anti-queer tem utilizado a figura da criança como algo a ser intensamente protegida contra tudo aquilo que pode ser abrigado sob o termo queer. Em nosso país, por exemplo, tivemos 69 projetos de lei antitrans

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

(Dados da Folha de S. Paulo<sup>1</sup>) apresentados nos eixos federais, estaduais e municipais desde o início de 2023. Como você reconhece na infância um resgate de uma vida anárquica e indisciplinada que, em alguns casos, precede à vida adulta de disciplina e controle?

**Jack Halberstam:** Essa é uma pergunta muito boa. Então, vocês sabem como a criança está sendo usada na política contemporânea, mas também sabem como as culturas que são produzidas em relação à criança podem contar diferentes tipos de histórias sobre o mundo em que vivemos. Por isso, tenho me movido em ambas as direções. Por um lado, estou um pouco convencido por um argumento como o de Lee Edelman em seu livro *No Future* (2004), em que ele diz que sempre usamos a figura da criança para garantir um futuro melhor. E fazemos isso porque, se você diz que algo é para as crianças, ninguém pode argumentar contra você, certo? É uma posição politicamente pura. E Edelman diz que não devemos pensar em termos dessas posições politicamente puras, com as quais concordo. Mas meu argumento é diferente. Meu argumento é que as ideias ameaçadoras sobre o revolucionário, o anarquista, o ingovernável e o incontrolável foram projetadas ou removidas dos modos de representação dos adultos e colocadas em quarentena na cultura infantil para torná-las completamente seguras e domesticadas. Pois se você disser: "Ah, sim, pode haver levantes"! Mas os levantes são uma fantasia infantil e imatura de questionar o porquê das coisas. Então, isso se torna algo que pode afetar as pessoas quando elas são jovens, mas depois elas crescem e abandonam essa fantasia. Assim, uma das coisas que aponte na questão do fracasso foi a frequência com que os filmes infantis tratavam de rebelião. O que, obviamente, é um tema comum da infância. Porque as crianças estão sendo criadas por adultos com os quais não concordam e contra os quais esperamos que elas lutem em um campo de batalha, sabe, em uma negação desse campo.

Portanto, enquanto colocarmos todas essas narrativas sobre formigas que se levantam contra gafanhotos que estão roubando sua comida em *Vida de Inseto* (John Lasseter e Andrew Stanton, 1998), ou sobre abelhas que se recusam a dar seu mel aos humanos em *A história de uma abelha* (Simon J. Smith e Steve Hickner, 2007), ou em *A fuga das galinhas* (Nick Park e Peter Lord, 2000), em que as galinhas não querem se tornar uma mercadoria, enquanto essas narrativas abertamente anticapitalistas e muitas vezes anarquistas forem relegadas à infância e

---

<sup>1</sup> Brasil tem um novo projeto antitrans por dia: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/03/brasil-tem-um-novo-projeto-de-lei-antitrans-por-dia-e-efeito-nikolas-preocupa.shtml>

quase nunca forem representadas em filmes dirigidos a adultos, elas não aparecerão nem mesmo como possibilidades. E isso nos deixa com essa representação de situação maluca na qual literalmente não temos filmes sobre revolução no contexto dos EUA. E essa é outra diferença: em muitas outras tradições cinematográficas, filmes sobre revoltas populares são muito comuns na China, na Rússia. Tenho certeza de que no Brasil há vários filmes que apresentam sujeitos queer vivendo na pobreza ou pessoas empobrecidas que enxergam claramente os termos de sua subjugação, mas não nos EUA e nem tanto na Europa.

Portanto, essa foi minha opinião sobre a criança. Mas hoje em dia podemos ver novamente que a ideia de proteger a criança é, como vocês disseram, a justificativa para todos esses projetos de lei antitrans que estão sendo aprovados. E isso vem de uma fonte diferente. Esse material, o ataque legislativo às pessoas trans e queer em nome de uma criança fictícia, vem do fato de que no mundo de hoje, com a Internet, a TV e os filmes, muitos, muitos jovens se identificam como queer, trans ou não binários. Um número enorme, enorme, e por isso os conservadores não têm outra opção a não ser dizer: "nossos filhos estão sendo radicalizados, não podemos permitir isso". Então, vamos tentar cortar esse discurso pela raiz, nas escolas. É isso que está acontecendo. Mas aqui está a boa notícia: não é possível colocar o gênio de volta na garrafa, sabe?! Não se pode deixar de dizer todas essas informações que estão disponíveis na Internet. Não se pode erradicar. As crianças estão encontrando rapidamente o caminho para todo esse material, apesar das melhores intenções de seus pais e professores de impedi-las de fazer isso. Portanto, em dez anos, descobriremos que essas medidas conservadoras não foram bem-sucedidas, mas ainda será uma batalha para chegar lá. Mas por que digo isso com tanta confiança? Porque há muitas crianças que se assumiram cedo como queer, trans ou não binário. São muitas. Será que essas pessoas vão mudar de ideia de repente? Acho que não. É como se fosse cerca de 50% a mais de crianças. Então, como isso vai funcionar? Se você simplesmente disser "você não pode ensinar isso nas escolas", "você não pode dar a eles esses livros", "você não pode mostrar a eles esses filmes", eles os encontrarão on-line. Então, por um lado, a Internet facilita e maximiza o capital global, mas, por outro lado, a lógica, o discurso e as informações contraintuitivas também se tornam virais on-line. O TikTok, o Twitter, as plataformas de mídia social que os jovens usam estão repletas de material queer e trans, e isso não pode ser legislado, a menos que, como na China, o acesso à Internet seja muito limitado. Portanto, essa é uma boa pergunta. É algo sobre o qual falarei bastante na quinta-feira.

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

Ribamar Oliveira e Dieison Marconi: Na obra *“Trans: A Quick and Quirky Account of Gender Variability”* (2017), você conta que quando saiu do armário na década de 1980, algumas feministas brancas mantinham uma barreira diante das pessoas transexuais, sendo muitas vezes as pessoas trans vistas como infiltradas nesse espaço ainda cristalizado e centralizado por “mulheres-nascidas-mulheres” que lutavam contra a cultura do patriarcado, o que consolidou uma versão de feminismo que instituiu por muito tempo na legitimidade de mulheres cisgêneras. A sua leitura é instigante porque você fala que os espaços feministas não devem ser os únicos espaços para as mulheres transgêneras e nem para os homens trans, sendo necessário esgotar esse binarismo fundacional de homem e mulher. Lembramos de quando você considera no livro *“Gaga Feminism: Sex, Gender, and the End of Normal”* (2012) o gesto de se lançar para a crise, pensar com o absurdo e trabalhar em torno de uma revolta corporal e ruptura antinormativa. Quais os desafios da busca por esse terreno comum do transfeminismo e de que forma repensar a política de gênero trans nos permite pensar nessas novas “constelações de alianças” que surgem?

**Jack Halberstam:** Quero dizer que a primeira parte de sua pergunta é realmente sobre essas novas formas do chamado feminismo antitrans, então, uma coisa sobre a cultura TERF, (Culturas Feministas Radicais de Exclusão Trans) é que ela não é radical e nem é feminista. É um termo impróprio. Não acho que devemos chamar essas mulheres de feministas. Elas são trans excludentes, mas não são feministas radicais. Elas fazem parte de um movimento antigênero que agora é global. E esse movimento antigênero, como acabamos de falar, é responsável por todo esse retrocesso legislativo na educação de jovens em teoria queer e assim por diante. E quando dizemos que essas mulheres antitrans são feministas, um dos efeitos é que tornamos o feminismo uma palavra ruim. Quando fazemos isso, limitamos nossa capacidade de unir a política trans, a política clara e a política feminista, e então não conseguimos mais ver que, por exemplo, os movimentos antiaborto estão cheios das mesmas pessoas que são antitrans. E agora nós, nós desistimos do feminismo, então não temos um discurso para lutar contra as pessoas antiaborto, sabe?

Então, também não temos uma linguagem para pensar sobre porquê, em todo o mundo, a maioria das pessoas que vivem na pobreza são mulheres com filhos. E não temos uma linguagem para nos opormos ao patriarcado. E não temos uma linguagem para lidar com as desigualdades de gênero. Portanto, não podemos desistir do feminismo e, por isso, não devemos

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

concordar com uma narrativa sobre ativistas antitrans chamando-se de feministas. Devemos chamá-las do que elas são, ou seja, conservadoras e conservadores antigênero. Eles geralmente são cristãos, geralmente são republicanos nos EUA e seguidores de Bolsonaro no Brasil. E eles têm objetivos muito restritos para a sociedade, que é manter as hierarquias sociais entre homens e mulheres, ricos e pobres, gays e héteros. Manter o controle que uma pequena porcentagem da população tem sobre o capital global. Basicamente, é usar retórica cristã velada para lançar campanhas políticas e manter a família como base da vida privada. E todas essas coisas estão sendo atacadas por uma maioria de pessoas em todo o mundo.

Por que a maioria? Porque a maioria das pessoas não se beneficia do capitalismo global neste momento, certo? Portanto, se a maioria das pessoas não se beneficia do capitalismo global, então a maioria das pessoas poderia ser persuadida de que isso é algo a que todos nós deveríamos nos posicionar contra, sabe? Se a maioria das pessoas é da classe média ou da classe trabalhadora, essas pessoas precisam se unir e assim por diante. Portanto, na Argentina, vimos um movimento feminista muito, muito eficaz na última década, sobre o qual foi escrito em um livro fantástico chamado *Feminist International* de Verónica Gago (2020). Ela explica como uma coalizão maciça de grupos de ativistas unidos sob o termo feminismo trans foi para as ruas, impediu uma lei contra o aborto, avançou com a proteção trans e basicamente articulou uma agenda política na qual os direitos das mulheres trans, das mulheres pobres, das profissionais do sexo e dos desempregados eram fundamentais. Isso já aconteceu. Aconteceu na Argentina e, se pode acontecer na Argentina, pode acontecer em outros lugares, e quando eles saem às ruas na Argentina, não são 50.000 pessoas que saem às ruas, são 200.000, 300.000, 400.000 pessoas. Não estou dizendo que elas foram totalmente efetivas. Ainda há governos de direita na Argentina, mas eles não estão nem aí para aprovar o mesmo tipo de legislação antiaborto que você vê no Brasil e nos EUA.

**Ribamar Oliveira:** Com certeza! Só um detalhe, amo o *Gaga Feminism* porque sou *little monster*.

**Jack Halberstam:** Sim, claro que todos somos! Então, sim, é isso que quero dizer com essas novas alianças, constelações de novas alianças. Sabemos que as pessoas estão prontas para pensar fora dessas identidades e prontas para iniciar uma atividade política que emerge de mais de um interesse.

**Dossiê** Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

Ribamar Oliveira e Dieison Marconi: Desde *"In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives"* (2005) você tem provocado a questão sobre um espaço e um tempo queer, isto é, espaços e temporalidades que estão em oposição à instituição familiar, ao arranjo heteronormativo e à reprodução, o que inclui espaços e temporalidades que não estão restritas à linearidade do nascimento, do casamento, da reprodução e da morte. De acordo com seu olhar, podemos pensar que essa temporalidade queer pode ter "surgido" no final do século XX, quando comunidades gays enfrentaram a contração de vida devido à AIDS. Se há diálogo e negociação com um futuro em constante declínio, ao tomarmos os cenários de pós-pandemia da Covid-19 e essa temporalidade queer como uma forma de estar no mundo, como habitar hoje essa temporalidade e de que forma escavar uma historiografia queer?

**Jack Halberstam:** Bem, quero dizer, acho que é uma questão de capitalizar o fato de que, em muitos lugares, o casamento acabou não sendo intuitivo ou universal como narrativa de vida, e muitos jovens não estão aceitando o tempo heteronormativo, não estão se apressando para o casamento e a reprodução e entendem que existem outras temporalidades e que a fantasia de conhecer uma pessoa e se casar é o fim da história. Acredito que isso tenha desaparecido completamente, eu acho. É uma coisa boba de se dizer, mas é a única narrativa à qual as pessoas são expostas quando jovens. Portanto, pelo menos nos EUA, está muito claro que as pessoas estão se casando muito mais tarde do que faziam há uma década. Os homens, em particular, não estão se casando até o final dos 20 ou início dos 30 anos. E as mulheres, que costumavam se casar no início dos 20 anos, agora se casam no final dos 20 anos. Isso é muito significativo, muito significativo, porque significa que seus primeiros anos não estão todos preocupados com casamento e filhos.

No contexto euro-americano, isso criou uma espécie de pânico em relação às taxas de natalidade, mas quando você ouve isso, geralmente se refere a pessoas brancas. Sabe-se que há uma preocupação com o fato de que os brancos não estão tendo filhos e que os grupos de imigrantes estão tendo filhos na mesma proporção que as famílias tradicionais, e isso cria uma espécie de crise nacional em torno da raça e das trajetórias demográficas e assim por diante. Tudo isso me parece ser um sinal de que haverá, em um futuro próximo, uma mudança no entendimento do que é um grupo majoritário e do que é um grupo minoritário. Quero dizer, acho que em breve não usaremos mais o termo "minoritário". Em muitos desses países industriais e pós-industriais, os antigos países coloniais que estavam acostumados a pensar em termos de

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

maioria e minoria, acho que não veremos mais isso. Mas isso mudará a dinâmica do poder? Depende. Depende de como o capitalismo global se desenrola, porque, é claro, em um lugar como a África do Sul pós-apartheid, os brancos eram uma minoria distinta, mas continuaram a deter o poder econômico.

E essa é a minha preocupação: por um lado, a temporalidade da vida heterossexual é quebrada e, por outro lado, o que é quebrado em um contexto heterossexual é reforçado em um contexto racial, entende? Assim, o pânico em torno da vida branca, das taxas de natalidade branca e assim por diante, promulga e é a ocasião para políticas racistas cada vez mais terríveis, formas de exclusão e exploração, e esse é o perigo aqui. Que não façamos apenas a transição para o tempo queer e tudo fique bem, mas que haja novas formas de exploração. E isso nos leva de volta ao último ponto, que é o motivo pelo qual a cooperação e a solidariedade devem ser amplas, transversais e inter-raciais. Não se trata de pessoas LGBT e do que elas precisam fazer em um determinado estado-nação. Trata-se de como as pessoas LGBT estão conectadas a outras lutas e, na medida em que não estão, então você é apenas parte de um regime hegemônico.

**Ribamar Oliveira:** Aproveito essa questão para perguntar algo antes da nossa última pergunta, como você percebe os estudos sobre o não binarismos dentro de uma perspectiva queer hoje?

**Jack Halberstam:** Não binário tem sido um termo muito contestado. Acho que estamos falando de um termo que tem uma história de talvez cinco anos. É muito novo, mas devido à sua elasticidade e imprecisão, foi adotado por um número enorme de pessoas. Portanto, em qualquer grupo de jovens, há um número crescente de pessoas que se autodenominam não binárias, principalmente na classe média branca, digamos assim. Mas, ao mesmo tempo, é um termo que acho que também está sendo usado por pessoas negras, latinas, não-brancas. Não tenho certeza, vamos ver. Está sendo usado para qualquer pessoa que se considere, de alguma forma, um pouco fora da norma, o que também ocasionou uma crítica a ele.

Atualmente também há artigos que criticam o termo por fingir estar fora das operações binárias e que, na verdade, seria a própria instalação de uma oposição binária entre um binário cis e um binário não-binário ou, ainda, por ensejar todo um conjunto de binários. Assim como o termo queer foi há quatro ou cinco décadas, acredito que a identificação não-binária se propõe a ser uma posição resistente carregada de possibilidades contra hegemônicas. Mas essa não é

**Dossiê** Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

claramente a sua trajetória, ele pode ser apenas um termo abrangente, e essa seria a crítica para as pessoas que querem dizer: "Sou um pouco diferente". E, nesse sentido, não há muita possibilidade política embutida. Então, onde está a possibilidade política de não ser não-binário? Para mim, a possibilidade política do não-binário remete à nossa conversa anterior sobre crianças e sobre toda a legislação antitrans que está sendo aprovada no Brasil, nos EUA, na França e em muitos lugares diferentes no momento.

Essa legislação é direcionada às crianças, direcionada às crianças que estão dizendo "foda-se" para os pais que arruinaram o meio ambiente, que lhes passaram dívidas e que criaram uma crise imobiliária na qual os jovens não podem esperar ter casa própria em algum momento da vida, mas sim ter moradia precária e não ter as mesmas oportunidades que seus pais tiveram. Nesse contexto, não-binário não é apenas uma questão de gênero, é dizer não. Dizer não às pessoas que dizem "nós somos mamãe e papai, você tem que escolher que tipo de sujeito você vai ser". Nesse sentido, é uma formação interessante, mas precisa estar à altura de seu potencial e se tornar esse roteiro mais amplo em vez de permanecer no mundo muito restrito de "não sou homem e não sou mulher". Na medida em que isso é o que significa, significa muito pouco. Na medida em que significa "vocês, pessoas mais velhas, que estão tentando me definir e que estão tentando definir quem somos, o que devemos ler, o que podemos fazer, vão se foder!". É aí que ela é poderosa. Esse é o meu sentimento.

Ribamar Oliveira e Dieison Marconi: No seu último livro *"Wild Things: The Disorder of Desire"* (2020) encontramos a premissa de redescobrir o selvagem através da selvageria e com a selvageria. O livro apresenta diálogos com outros trabalhos seus, a exemplo de *"Skin Shows: Gothic Horror and the Technology of Monsters"* (1995). É interessante quando você fala que o selvagem não se limita ao mundo natural e tem uma vida extensa à estética, ao desejo e à política, uma vez que o selvagem seria em si uma epistemologia, um modo de relacionar anticolonialidade, anticapitalismo e pensamento queer radical. Dedicado à José Esteban Muñoz e pensado de modo partilhado com Tavia Nyong'o, o debate sobre selvageria, novos materialismos e imaginários alternativos nos parece algo que potencializa o queer, sobretudo, por evitar a ordem das coisas. De que forma o termo *"wildness"*, essa força caótica da natureza,

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

distante das categorizações e mais próximo das outras formas de incorporação, pelo emaranhado entre humano e animal, pode nos mostrar outras formas de fazer mundos e parentescos em um futuro que não sabemos se chegará?

**Jack Halberstam:** Ok, vejamos. Essas perguntas são muito perspicazes, eu aprecio profundamente. Sou uma espécie de pensador contraintuitivo e tenho a tendência de pensar melhor com terminologia excluída ou negativa, como fracasso, por exemplo. E a natureza selvagem parece estar cheia de possibilidades românticas, mas é claro que faz parte de uma narrativa colonial na qual uma ordem de civilização precisa erradicar as coisas selvagens. Porque as coisas selvagens fazem parte de uma epistemologia diferente, uma relação diferente com a natureza, com a natureza selvagem, com o poder, com o corpo, que não pode ser regida por sistemas liberais de lei, certo? Portanto, na medida em que pensamos na natureza selvagem dessa forma, ela oferece um imenso potencial em termos de pensar fora dos roteiros da modernidade.

Em todo o livro, tento mostrar esses tipos de pontos de crise, em que os ataques produzidos dentro da chamada ordem civilizacional e que têm um romance com o tipo de fantasia da natureza selvagem são atraídos para a natureza por meio de um tipo de operação de amor, fascínio, sedução, e algo mais acontece. Assim, no capítulo sobre falcoaria, por exemplo, eu digo: "Ohh, que estranho! Há todos esses homens gays que escrevem narrativas sobre sua identificação com falcões e aves". O que é isso? E então eu digo: "mas eles são gays?" Por que dizemos que eles são gays quando, na verdade, o desejo não é claramente pelo pássaro ou pelo pássaro como metáfora, mas pela natureza, que o pássaro incorpora e representa. E esse desejo pelo selvagem não tem nenhuma marca em nossa linguagem, sabe? Não dizemos "sou um selvagem", ou seja, meu desejo é não ser gerenciado por esses sistemas. Mas é isso que alguns desses jovens estão dizendo com a palavra não-binário. Eles estão dizendo: "Estou fora do roteiro. Não faço parte do sistema que você ofereceu. Você está dizendo: você é isso ou aquilo? Estou dizendo que nem um nem outro".

Isso também é selvagem. É uma tentativa de se tornar ingovernável dentro dos sistemas projetados para capturá-lo. E essa me parece ser uma posição política muito poderosa. E o livro

**Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

é um livro capcioso porque, em muitos aspectos, ele se mantém dentro do cânone do modernismo euro-americano. Mas ele precisa fazer isso para encontrar esses pequenos buracos de minhoca onde algo mais acontece. Assim, no capítulo *The Rite of Spring* (O rito da primavera), posso mostrar a eles como o artista nativo americano Kent Monkman retorna ao rito da primavera e a todo o seu material indígena e extrai dele uma história completamente diferente. Uma história anticolonial, de fato, na qual os ritmos tribais e folclóricos que são importados ou exportados para essa sinfonia modernista ganham vida própria e se tornam seu próprio conteúdo. E então voltamos aos ritos da primavera e vemos que o que torna os ritos da primavera incríveis é exatamente o fato de estarem sendo contaminados pela natureza.

Na tentativa de simplesmente gostar, tomar emprestado e se apropriar, ele foi contaminado de forma viral. E a razão pela qual, quando você ouve essa partitura, fica tipo: "Uau, o que é isso?", sabe, é justamente porque tudo o que a harmonia ocidental tentou suprimir retorna. Retorna em sua forma mais forte. E isso é algo muito poderoso: o fato de a supressão por meio da ordem civilizatória ter um retorno e o retorno ser selvagem. E ela está disponível em muitas, muitas formas diferentes. É interessante. É interessante como livro, sinto que ele não foi recebido da mesma forma que *The Queer Art of Failure*, mas acho que é porque o livro sobre o fracasso era um pouco cômico, engraçado e lúdico e tratava de diversão e brincadeira, e este é mais sério. Mas ele tem mais implicações, de certa forma, para a vida política que recusa o roteiro que nos é oferecido. Em vez disso, se torna selvagem. Vai para uma direção diferente, uma direção em que, sob o título, você pode ser anticapital, sexualidades e gêneros indígenas inclassificáveis e uma sensibilidade ou epistemologia anti-civilizatória. Portanto, ainda acho que penso muito com *The Wild* e acho que o livro vai se infiltrar lentamente.

**Ribamar Oliveira e Dieison Marconi:** E você está trabalhando em outro livro? Outro projeto no momento?

**Jack Halberstam:** Sim, sim. Eu tinha mais capítulos em *Wildness and Wild things* que tratavam de anarquia e de um tipo de conjunto anarquista de práticas estéticas que eu achava mais bem articuladas por meio do trabalho de um arquiteto chileno-americano, Gordon Matta-Clark, que

**Dossiê** Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

era filho de um artista chileno, Roberto Matta. Eles se mudaram para a cidade de Nova York, e ele cresceu na cidade de Nova York nos anos 1970, quando a cidade estava caindo e falindo, mas também era o lar de Warhol, Basquiat, muitos, muitos artistas que se mudaram para lá porque era barato, porque você podia fazer uma fábrica em um loft abandonado ou algo assim.

Esse novo projeto volta aos anos 1970 e diz "bem, estamos preocupados com a linguagem e o objetivo político da construção do mundo", e vocês até usam esse termo em uma de suas perguntas. Nos anos 70, as pessoas podiam ver que a trajetória do pós-guerra iria reconstruir o mundo e reconstruí-lo de uma forma pior e que, longe de ser antifascista, era na verdade apenas anticomunista e, como um tipo de conjunto de estratégias anticomunistas, estava obliterando todas as alternativas ao capital. E, nesse contexto, as pessoas queriam desconstruir mundos, e tenho vários exemplos de pessoas que estão desconstruindo em vez de construir. E perguntei se a desconstrução é uma estratégia melhor para a política queer e trans do que a construção de mundos.

Não quero dizer que a construção do mundo esteja errada ou que não seja bom ter esse tipo de fantasia utópica do tipo sobre o qual José Muñoz escreveu, mas apenas dizer que vemos como o mundo está agora, que após os anos 1970, depois de uma resistência muito forte em muitos lugares diferentes a regimes reacionários e ditatoriais, o mundo voltou mais forte do que nunca na forma do capital global. Por isso, pergunto: e se retornássemos a algumas das linguagens dos anos 1970, que estavam preocupadas com o anarquismo, a sociedade do espetáculo, esse tipo de situacionismo que não constrói, não é inflexível, não faz destruição, demolição, violência? O que você acha disso? Vamos usar essa linguagem e ver onde vamos parar. Então, estou tentando escrever, montar o livro, agora tenho muitas, muitas partes diferentes dele. Tenho um capítulo sobre um filme feminista radical da década de 1970 que é muito violento. Tenho um capítulo sobre Gordon Matta-Clark, tenho um capítulo sobre Alvin Baltrop, que é um fotógrafo negro, e Beverly Buchanan, que é uma artista lésbica negra que trabalhou com locais de demolição e assim por diante. Sabe, então há esses... Ah, tenho um capítulo sobre arte autodestrutiva, que foi uma vertente particular da arte nos anos 1960 que queria destruir a arte que eles faziam para que ela não pudesse ir para o mercado e se tornar parte de um lucro

global, um lucro global com obras de arte. Eles faziam uma peça, você a via e depois ela era destruída. Estou preocupado com violência, destruição e desconstrução.

Ribamar Oliveira e Dieison Marconi: Estamos ansiosos para lê-lo!

**Jack Halberstam:** Estou empolgado para escrevê-lo, estou realmente pronto para terminar. Estou trabalhando nele há muito tempo e preciso terminá-lo. Então, eu estava pensando aqui no Brasil sobre movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que, sabe, têm esse tipo de impulso semelhante. As pessoas ricas tomaram terras e depois não as usam e isso é exatamente uma peça com essa desconstrução. É como se fôssemos nos sentar na terra da qual vocês nos desapropriaram e vamos desconstruir sua presença nessa terra e fazer outra coisa com ela. É um momento realmente interessante.

Também tenho um colega na Columbia University que está escrevendo sobre novas formas de cooperação. Acho que cooperação é, na verdade, um termo muito bom para seguir em frente, mas primeiro é preciso desconstruir para depois começar a pensar em termos de cooperação, solidariedade, montagem e coalizão. Todos os termos que as pessoas estão inventando para entidades políticas maiores são realmente fundamentais para isso. Primeiro temos que desmontar as coisas e é isso que não sabemos muito bem como fazer. O mesmo acontece com a universidade. A universidade poderia ser uma visão incrível para nós, mas primeiro temos de nos livrar dessas disciplinas que fazem com que, se você está na Antropologia, possa comentar sobre economia e, se está em Inglês, aparentemente não tem nada a ver com ciência política, certo?

Essas disciplinas existem justamente para garantir que o conhecimento continue a ser produzido nessas linhas retas. Portanto, temos de desmontar essas disciplinas para ver que há outras maneiras de produzir conhecimento que teriam resultados diferentes para a forma como as pessoas entendem sua relação umas com as outras. Ou sua relação com a mudança, ou com a terra, ou com o lar, ou com o parentesco. Enquanto só estudarmos o parentesco por meio da antropologia, só estudarmos casas, sabe, em relação a imóveis ou algo assim, perdemos, perdemos muito. Então, não estamos produzindo uma nova linguagem. Primeiro a destruição,

**Dossiê** *Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente*

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

sabe? Primeiro, desmontar tudo. E então você fica no intervalo por um minuto, o tempo de pausa, como algumas pessoas chamam. E só então ficará claro qual deve ser o próximo projeto político. Não podemos ver isso daqui. Precisamos desse espaço interno. Portanto, é difícil vender isso porque as pessoas dizem: "Não, não quero derrubar tudo sem saber por quê". Mas é tipo, se pudéssemos ver nosso objetivo utópico daqui, estaríamos fazendo isso, mas não podemos porque somos completamente governados por todas essas estruturas discursivas que também estamos ensinando.

Ribamar Oliveira e Dieison Marconi: Muito obrigado, Jack.

Jack Halberstam: Muito obrigado por essas perguntas realmente sagazes!

### Referências bibliográficas

GAGO, V. *A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

GAGO, V. *Feminist international: How to change everything*. London and New York: Verso Books, 2020.

HALBERSTAM, J. *Gaga feminism: Sex, gender, and the end of normal*. Boston: Beacon Press, 2012.

HALBERSTAM, J. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe Editora, 2020.

HALBERSTAM, J. *The queer art of failure*. Durham and London: Duke University Press, 2020.

HALBERSTAM, J. *Trans\*: A quick and quirky account of gender variability*. Oakland: University of California Press, 2018.

HALBERSTAM, J. *Wild things: The disorder of desire*. Durham and London: Duke University Press, 2020.

HALBERSTAM, J. *In a queer time and place: Transgender bodies, subcultural lives*. New York and London: New York University Press, 2005.

HALBERSTAM, J. *Female masculinity*. Durham and London: Duke University Press, 1998.

HALBERSTAM, J. *Skin shows: Gothic horror and the technology of monsters*. Durham and London: Duke University Press, 1995.

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147

LOPES, D. A força do fracasso. In: HALBERSTAM, J. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe Editora, 2020.

MUÑOZ, J. E. *Cruising utopia: the then and there of queer futurity*. New York and London: New York University Press, 2009.

---

### **Ribamar José de Oliveira Junior** - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Bolsista FAPERJ Nota 10. Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com período sanduíche na York University (YorkU), Canadá. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Email: [ribamar@ufrj.br](mailto:ribamar@ufrj.br)

### **Dieison Marconi** - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Professor e pesquisador em regime de pós-doutorado no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com trabalho de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Tem Doutorado em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com período sanduíche realizado na Universidade Complutense de Madrid (UCM), na Espanha, junto ao Grupo de Pesquisa em Gênero, Estética e Cultura Audiovisual (GEC - UCM). É Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM-UFSM) e Bacharel em Comunicação Social (Habilitação em jornalismo) também pela UFSM. Possui pós-doutorado em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP. É autor do livro *Ensaio sobre autorias queer no cinema brasileiro contemporâneo* (Selo PPGCOM-UFGM).

Email: [dieisonmarconi@gmail.com](mailto:dieisonmarconi@gmail.com)

### **Financiamento**

Trabalho desenvolvido com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

### **Agradecimentos**

Agradecemos ao professor Denilson Lopes por estreitar laços com Jack Halberstam e fazer a revisão técnica das perguntas da entrevista.

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28147